

CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE: UM OLHAR NA PERSPECTIVA DO ACOLHIMENTO

Prof^a. Marisa Elizabetha Boll Thiele¹

Prof. Dr. Alvorí Ahlert²

RESUMO

O presente trabalho é fruto do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), do Estado do Paraná, em cuja pesquisa se procura compreender a saúde e o adoecimento do professor, inseridos num processo complexo, no qual se relacionam o cotidiano escolar e o macro contexto de políticas públicas voltadas para a educação. Pesquisas já realizadas acerca do tema apontam como fatores ligados ao desgaste do professor tanto a falta de infra-estrutura, as jornadas extensas, a falta de reconhecimento social, quanto a indisciplina e a violência dentro dos muros escolares. A motivação para a pesquisa surgiu da observação e atuação do trabalho pedagógico da escola onde, muitas vezes, fomos surpreendidos pelo absenteísmo de professores e tivemos que atender alunos em sala de aula, sem organização ou planejamento das atividades que estavam atribuídas aos mesmos. Das observações nasceu a constatação de situações em que os professores têm demonstrado elevado nível de cansaço físico e mental, desânimo, angústias em relação ao seu trabalho. Para realização deste estudo, foi escolhida uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio na região Oeste do Paraná. Utilizados como recursos metodológicos a observação, um questionário e a aplicação de entrevistas semi-estruturadas junto a vinte e um professores. Dentre a literatura disponível, fundamentamos nossa pesquisa nos estudos de José Manuel Esteve e Wanderlei Codo. E ao final do texto apresentamos algumas reflexões que podem ajudar no enfrentamento ou superação do mal-estar docente através de propostas de intervenções nas escolas.

Palavras-chave: trabalho; trabalho docente; políticas educacionais; mal-estar docente;

Abstract

The present work is origin of the Program of Education Development (PDE), of the State of Paraná, in whose research tries to understand the health and the teacher's fall ill, inserted in a complex process, in which link

¹ Professora Pedagoga da Rede Estadual do Estado do Paraná – Participante do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE)

² Professor Orientador da IES – UNIOESTE – Campus Mal. Cândido Rondon

the daily school and the macro context of public politics gone back to the education. Researches already accomplished concerning the theme point out as linked factors to the teacher's stressful and tear the infrastructure absence, the extensive days, the absence of social recognition, as the indiscipline and the violence inside of the school walls. The motivation for the research project of the observation and performance of the pedagogic work of the school where, a lot of times, we were surprised by the teachers' abstentious and we had to assist students in classroom, without organization or planning of the activities that were attributed to the same ones. Of the observations have the originated verification of situations in that the teachers have been demonstrating high level of physical and mental fatigue, discouragement, anguishes in relation to work. For accomplishment of this study, it was chosen a public Primary and College Teaching in the area West of Paraná. Used as methodological resources the observation, a questionnaire and the application of interviews semi-structured between twenty-one teachers. Among the available literature, we based our research in José Manuel and Wanderlei Codo's studies. And at the finish of the text we presented some reflections that can help in the face or to overcome of the educational indisposition through proposed of interventions in the schools.

Keywords: work; work educational; education politics; educational indisposition;

1. Introdução

“...O mal-estar geralmente é ocasionado pela falta de respeito do aluno, com o professor, o próprio ombro duro, estresse, cansaço, desânimo, são coisas que às vezes acontece, mas geralmente ocasionados quando o aluno não atende, não respeita, está desinteressado, e a gente vê que não consegue atingi-los, não existe um retorno deles... () “... Eu sinto, no físico tenho problemas nas pernas, são varizes e, então a dor, fico muito tempo em pé, dor nas pernas, bastante. Mas o pior mal-estar é aquele de estar incomodada, de que o trabalho não está rendendo, de que não é isso...” (trechos da entrevista de professores na pesquisa/PDE)

A fragilidade, a insegurança, o medo, a incerteza, - além da dor, do desconforto, da dúvida, é claro – tomam conta de nós e daqueles que nos acompanham...

O que será que acontece na educação que, apesar dos avanços tecnológicos, da ampliação de acesso e do direito garantido por lei, não se tem mais conseguido satisfazer as necessidades. Muito tem se discutido e planejado em educação, mas as ações não têm alcançado o impacto positivo esperado no contexto geral da população e na vida das pessoas.

O/a professor/a está doente? Excesso de trabalho, indisciplina em sala de aula, salário baixo, pressão do sistema educacional, formação inicial deficiente, formação continuada ineficiente, violência, demanda de pais de alunos, bombardeio de informações, desgaste físico e, principalmente, a falta de reconhecimento de sua atividade seriam algumas causas do estresse, da ansiedade e da depressão que vêm acometendo os professores.

A análise realizada nessa pesquisa tem me instigado, tanto na posição de trabalhadora da educação como na de pesquisadora do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), pelas observações realizadas no dia-a-dia na escola, ou seja, que há um aumento de tensões e angústias produzindo algumas situações inaceitáveis.

No trabalho e na vida existem as forças de produção que nos impactam. São forças de geração, de criação, mas que estão em constante movimento e interação. São forças que não se deixam capturar por completo pelas normas, regras e processos, instituídos de reprodução. Há sempre brecha por onde a luz da vida pode passar, até que alguém as note. Impõe-se em meio à homogeneização a que estamos submetidos. São as fissuras que teimam e que abrem passagem para a frágil educação.

Na produção de conhecimentos temos o desafio de buscar alternativas para a equação que se forma no encontro de necessidades, interesses e desejos – de alunos e trabalhadores em educação. Acreditamos na existência de dispositivos que possam dar maior dinâmica a essa produção.

Assim, essa pesquisa do PDE me abriu a oportunidade de experienciar um novo “olhar” sobre o professor, na perspectiva do acolhimento, do direito a saúde e do respeito ao seu trabalho. Proporcionou-me encontros, reencontros, com pessoas, serviços na escola e de formação, referenciais teóricos, produções coletivas, os quais, através de diferentes aspectos, fizeram o papel da cor, do sabor, da luz, do brilho...e me puseram de novo neste caminho de construção e de busca da alegria no trabalho.

O foco de atenção dessa pesquisa está voltado para o intuito de diagnosticar, caracterizar e compreender aspectos da relação trabalho e mal-estar docente e suas influências no processo educativo de um grupo de professores de uma escola da rede estadual de educação, num município do Oeste do Paraná.

Tal oportunidade favorece o enfoque que queremos dar à compreensão do que seja o trabalho em educação, não só como uma prática técnica, estruturada, com conhecimentos estruturados, mas como prática de relações, ou seja, um trabalho que vai se construindo num processo dinâmico, de interação entre pessoas e as condições do meio em que se inserem, configurando uma realidade cheia de dores e sofrimentos, alegrias, sonhos e desejos, encontros e desencontros, instituições, tecnologias, saberes e crenças.

Buscando elementos nos referenciais teóricos, evidências nos fazem acreditar que os docentes estão inseridos numa microestrutura – a do universo escolar compartilhado com colegas (e por vezes, suas famílias), diretoria e coordenação pedagógica – também se encontram numa macroestrutura de políticas educacionais que a nosso ver, não pode ser ignorada. Evidencia-se que os docentes vivenciam diferentes formas de sofrimento ao confrontar-se com as situações desfavoráveis de suas atividades e desenvolvem estratégias de enfrentamento que amenizam o sofrimento e favorecem transformar a angústia em força propulsora de mudança, pois a presença do trabalho coletivo, o desenvolvimento de regras de ensino e o reconhecimento por parte dos alunos, se constituem como possibilidade de construção de saúde e prazer no trabalho.

Leituras e mais leituras, de um material denso, com múltiplas bifurcações, nos levaram a requisitar a literatura e nos provocaram a explorá-la. Experiências de encontros singulares que nos mobilizam intensamente, por serem fascinantes. Se agregaram a esse intento. Experiência de vida, portanto.

Tais experiências abriram oportunidades de vivenciar com o grupo de professores, colegas de uma vida profissional e pessoal, uma investigação, uma pesquisa. Portanto, ela é produto da participação direta

e indireta de um grande conjunto de pessoas, trabalhadores da educação, que contribuíram para sua realização. Contribuições de corpo e alma, falas e escutas, sorrisos e lágrimas, pensamentos e ações, conhecimentos sistematizados, e muito mais, especialmente aquilo que não se expressa por palavras.

2. Reflexões sobre o trabalho docente e o mal-estar docente

O trabalho, enquanto atividade criativa e de transformação, modifica não apenas o mundo, mas também o homem que o executa. O homem se reconhece no seu trabalho e se orgulha daquilo que constrói, se orgulha do fruto do seu trabalho e também se transforma nesse processo. Modifica seus hábitos, seus gostos, seu jeito de se vestir, seu modo de comportar-se. O trabalho enriquece o homem, esse enriquecer não quer dizer acúmulo de bens, mas em conhecimento, experiências, habilidades, enfim, desenvolvimento da forma mais ampla que podemos pensar.

Mas o trabalho nem sempre retorna para o trabalhador de forma tão positiva. Trabalho na perspectiva de desenvolvimento é trabalho não fragmentado, aquele em que o trabalhador pensa e executa sozinho ou em conjunto com outros trabalhadores, mas nunca privado do conhecimento do todo. Porém, nem sempre é assim que as coisas se dão no mundo do trabalho.

O trabalho ocupa um papel central na vida das pessoas, inclusive como identidade do sujeito e na inserção social das mesmas pessoas. Existem ocupações humanas que, por sua natureza, são mais atingidas pelo estresse. Entre estas está a docência.

Este estudo aponta para características peculiares da atividade, geradoras de estresse, que podem ocasionar uma deterioração progressiva da saúde mental dos docentes. Dentre elas, estão o excesso de responsabilidade em relação ao tempo e meios que o professor dispõe para realizar seu trabalho; a insegurança típica das atividades sobre as quais não se podem estabelecer normas e ações precisas que resultem,

necessariamente, no objetivo desejado; a dificuldade de avaliação quanto aos resultados alcançados; e o fato de ser um trabalho que exige muita atenção com o público.

Codo (1999), do Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (LPT-UnB), buscando conhecer melhor os estressores psicossociais presentes no exercício da docência, classificou o cotidiano do professor como “peculiar”. A falta de infra-estrutura, a atuação da família dos alunos na escola, a indisciplina, a violência física, as pressões sociais, a dificuldade em manter-se atualizado, a baixa remuneração que obriga a jornadas semanais extenuantes, a impossibilidade de prever o percurso da aprendizagem – devido às peculiaridades de cada grupo e de cada aluno – são citadas como algumas destas variáveis.

Ele organizou uma abrangente pesquisa sobre o assunto, buscando conhecer quem é e o que faz o professor. Este estudo teve enfoque no processo de trabalho, em suas dimensões objetiva e subjetiva, e foi fruto de uma iniciativa dos sindicatos dos professores. Assim como outras pesquisas produzidas recentemente no Brasil, tratou de maneira específica a chamada Síndrome de Burnout³, que atinge principalmente os trabalhadores da educação e saúde.

Codo (1999) observa que o processo de desgaste e a conseqüente dificuldade em relacionar-se afetivamente com o usuário transformam o perfil eufórico, característico do início da carreira docente, em depressivo. Este processo de desgaste pode levar à completa exaustão da energia física e/ou mental, fazendo com que o profissional abandone seu trabalho, não por não mais desejá-lo, mas por sentir-se incapaz de realizá-lo, por perder a identificação que mantinha com a atividade.

Para Enguita (1991), os docentes vivem, desde há muito tempo, uma crise de identidade. Nem a categoria, nem a sociedade, conseguem entrar em um acordo sobre sua imagem social, seus campos de

³ Síndrome de Burnout é uma resposta ao estresse ocupacional crônico e caracterizada pela desmotivação, ou desinteresse, mal-estar interno ou insatisfação ocupacional. Em professores afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, levando estes profissionais a um processo de alienação, desumanização e apatia, ocasionando problemas de saúde e absenteísmo e intenção de abandonar a profissão.

competência e organização de carreira. Toda a ambivalência que permeia a docência poderia ser resumida, segundo o autor, como “uma localização intermediária e instável, entre a profissionalização e a proletarização” (ENGUITA, 1991, p.41). Isto significa que, ao mesmo tempo em que os professores submetem-se à autoridade de seus empregadores, também lutam por manter ou ampliar sua autonomia no processo de trabalho e suas vantagens relativas quanto à distribuição de renda, prestígio e poder.

Como um trabalhador proletarizado, o docente encontra-se submetido aos processos que atingem muitos dos assalariados, ou seja, das pessoas que se vêem obrigada a vender sua força de trabalho por muito menos do que aquilo que produzem. Além disso, o autor afirma que, progressivamente, a capacidade de decidir qual será o resultado de seu trabalho lhe é retirada, pois esse passa a ser pré-estabelecido na forma de disciplinas, horários, programas e do uso de livros didáticos, enfim uma organização escolar imposta ao professor.

Esse processo de proletarização e perda de autonomia no trabalho docente são percebidos por Kuenzer (1999) num contexto em que se articulam as mudanças no mundo de trabalho, as políticas públicas e as políticas educacionais, e no quais os professores têm pouca, ou nenhuma, voz ativa. Para ela, é necessário compreender que a cada etapa de desenvolvimento social e econômico correspondem projetos pedagógicos, aos quais se associam perfis diferenciados de professores, de modo a atender às demandas dos sistemas social e produtivo com base na concepção dominante.

Segundo a autora, o modelo de educação pública que conhecemos se encontra diretamente ligado a uma determinada concepção de Estado, enquanto mediador e regulador de serviços.

No Brasil especificamente a partir de 1994, têm sido implantadas as diretrizes teóricas, práticas e ideológicas do neoliberalismo, significando a criação do Estado Mínimo a partir de processos de privatização, desregulação, abertura de mercado e fim de muitos direitos sociais adquiridos.

Para Kuenzer (1999), na época da industrialização, em que tanto a produção quanto a sociedade eram marcados pela rigidez e estabilidade, a pedagogia privilegiava a racionalidade técnica e formal. O mundo da produção tinha como paradigma a organização em unidades fabris, que concentravam grande número de trabalhadores numa estrutura fortemente hierarquizada. Como o objetivo era fabricar em massa produtos pouco diversificados, que atendessem a uma demanda relativamente homogênea, com tecnologia estável e com processos de base eletromecânica rigidamente organizados, havia um nítido rompimento entre pensamento e ação. A seleção e a organização dos conteúdos sempre tiveram por base uma concepção positivista da ciência e do conhecimento, rigorosamente linear e fragmentado. O taylorismo/fordismo requeria dos trabalhadores capacidade de memorização e disciplinamento para executar atividades repetitivas, a partir de procedimentos padronizados.

Em relação às habilidades necessárias ao professor, em conformidade a esta realidade, destacavam-se a eloquência, para bem transmitir o conteúdo escolar que compunha o currículo, e manter o respeito e a boa disciplina.

Com a globalização da economia e a reestruturação produtiva, este quadro mudou completamente. Se educação e trabalho, no taylorismo/fordismo, eram mediados pelos modos de fazer, ou seja, pela força física ou habilidades específicas de coordenação motora fina ou acuidade visual, por exemplo, passaram a ser mediados, a partir de então, pelo conhecimento, compreendido como domínio de conteúdos e habilidades cognitivas superiores, frente à flexibilização dos procedimentos. Capacidade de análise, síntese, estabelecimento de relações, rapidez de respostas e criatividade face às situações desconhecidas, comunicação clara e precisa, interpretação e uso de diferentes formas de linguagem, capacidade para trabalhar em grupo, passaram a ser imprescindíveis.

Embora estas transformações apontassem para uma ampliação da educação de modo generalizado – já que passou a se requerer dos

trabalhadores em geral uma capacitação antes restrita a um reduzido número de funções – não foi isto que aconteceu. Acompanhando a crescente precariedade e informalidade do trabalho, que perdeu também sua estabilidade, a educação, assim como o trabalho, passou a ser privilégio de uma minoria.

É assim que, enfrentando mudanças que os obrigam a fazer mal seu trabalho, os professores têm que suportar a crítica generalizada que, sem analisar estas circunstâncias, considera-os responsáveis imediatos pelas falhas do sistema educativo. (ESTEVE, 1995).

No trabalho do professor, um elemento que tem sido apontado como fonte de desgaste é a relação direta e constante estabelecida com os alunos. Codo (1999) considera que o cuidado – relação entre dois seres humanos cuja ação de um resulta no bem-estar do outro – é inerente à relação de ensino-aprendizagem. Assim, no campo educativo, não há como separar trabalho e afetividade. Ele acredita que para o educador, o produto de seu trabalho é o outro, ou seja, o aluno, e os meios de trabalho é ele mesmo.

Assim, e contraditoriamente, ao invés de estabelecer um equilíbrio saudável entre a objetividade e a subjetividade, as atividades profissionais que envolvem uma grande demanda afetiva são promotoras de desajuste. Isto porque num contexto de trabalho, o circuito afetivo nunca se completa: o indivíduo investe no objeto sua energia afetiva, mas esta, ao invés de retornar ao seu ponto de partida, dissipa-se frente aos fatores mediadores da relação, como por exemplo, o salário e as regras estabelecidas para a execução da atividade. A contradição está entre a exigência de investimento afetivo para a realização do trabalho e a impossibilidade de fazê-lo devido às mediações da relação que impedem seu retorno. É assim que, quando faz parte da profissão, o cuidado transforma-se num dilema. (CODO, 1999).

Desta forma, fica claro que a questão da saúde do professor necessita ser analisada sob um prisma que valorize as condições em que se desempenha a docência. Tal cuidado vem ao encontro dos estudos na área de saúde pública, ao considerar a saúde e a doença como processos

que extrapolam para muito além o campo médico-biológico, mas vinculam-no também à história de vida da pessoa e da sociedade. Assim, é imprescindível que se capte o ser humano na totalidade de sua situação de vida, reconhecendo as condições nas quais se encontra.

Complementando, Codo (1999) considera que a peculiaridade do trabalho do professor é sua completude. Para este autor, o trabalho do professor é inalienável, pois “o fazer e o saber-fazer” estão em suas mãos. Isso quer dizer que o planejamento de seu trabalho, as etapas a seguir no processo de ensino aprendizagem, são por ele decididas, o ritmo imposto a seu trabalho não escapa completamente de seu controle, embora existam prescrições externas, às quais ele poderá, por diferentes motivos, resistir.

Dejours (1994) propõe transformar um trabalho fatigante em um trabalho equilibrante, já que não considera o reconhecimento de certo sofrimento incompatível com um prazer obtido na relação com o trabalho. Para ele, isto quer dizer que prazer e sofrimento podem resultar de lógicas relativamente independentes.

O docente cada vez mais se vê diante de inúmeras situações às quais precisam adaptar-se, entre elas as demandas e pressões externas advindas da família, do ambiente, do meio social, do trabalho/escola. A longa jornada de trabalho, a falta de empatia com os colegas, correção de provas, atividades para preparar, conteúdos para estudar e explicar, “fazer os alunos aprender” nas condições mais adversas ou estimular o aprendizado. Além disso, cumprimento de prazos, grupos de estudo e jornadas pedagógicas para participar, plano de ensino ou aula a desenvolver e executar, projetos, reuniões, são fatores do cotidiano da vida de um professor. As longas distâncias percorridas entre uma escola e outra e ainda o deslocamento para diversas escolas para completar a carga horária exigida impedem-lhe momentos de descanso ao longo do dia: enquanto deveria estar descansando, está viajando.

Os distúrbios de voz causados pelo exercício da profissão fazem parte do cotidiano de muitos professores, uma vez que, ministram aulas em salas lotadas, inalam pó de giz, competem com o barulho da rua, dos

ventiladores ou do ar-condicionado e da conversa dos alunos. Trabalham em salas com muitas pessoas respirando o pouco ar que circula no ambiente, com estrutura física onde a luminosidade natural é deficiente. É preciso verificar se existe sofrimento e qual o nível do mesmo entre os docentes e quais as possíveis causas e sintomas que posteriormente poderão servir de alerta para a necessidade de políticas públicas voltadas para a saúde dos docentes.

O trabalho docente deixa pouco tempo para a vida familiar e o lazer dos docentes. Há, portanto, uma ampla área da vida moderna onde se misturam os agentes estressores do trabalho e da vida cotidiana. A pessoa, além das habituais responsabilidades ocupacionais, e da alta competitividade exigida pelo sistema de ensino, das necessidades de aprendizado constante, tem que lidar com os estressores “normais” da vida em sociedade, tais como a segurança social, a manutenção da família, as exigências culturais. É bem possível que todos esses novos desafios superem os limites adaptativos, em consequência levando ao estresse e ao sofrimento.

Estes tipos de desgaste a que as pessoas estão submetidas permanentemente nos ambientes e as relações com o trabalho podem ser fatores determinantes de doenças

Cada vez mais novos profissionais entram no mercado de trabalho e a competição aumenta e com esta a preparação para o trabalho docente. Embora os profissionais tenham uma maior preparação, as exigências do trabalho docente também aumentam a cada ano. A violência, as indisciplinas nas salas de aula estão tirando muitos profissionais das salas de aula com problemas de saúde e, cada vez por um tempo maior. As agressões tanto físicas como verbais desestruturam emocionalmente muitos docentes que não estão preparados para lidar com a diferença nem com a divergência. Não se tem muito claro quem é o aluno, e a Pedagogia não tem claro quem é o docente que trabalha com o aluno. Temos observado que muitos docentes não planejam as suas aulas para um aluno concreto, de uma escola concreta. Será que o professor

refere-se a uma pessoa concreta ou a um aluno no discurso, um sujeito ideal?

É possível ver através da Psicologia e da Sociologia que a profissão do sujeito no caso, a de professor não escapa à estruturação do processo ideológico. O discurso pedagógico tece posições simbólicas e imaginárias prévias para o professor. Posições de onde ele parte para analisar os seus alunos, os colegas, a escola, o seu trabalho etc. O que acaba acarretando que os seus determinantes de estruturação de um campo profissional jamais sejam neutros.

A profissão docente, no Ensino fundamental e Médio é em sua grande maioria exercida por mulheres. Não serão elas, as professoras, as que mais sofrem? Elas, em grande número, precisam manter acompanhar e atender os filhos, e, além disso, cuidar dos afazeres domésticos, isto é, manter uma dupla jornada. Cabe também considerar o elevado número de docentes que viram seus casamentos se desfazerem em consequência do peso da dupla jornada. Muitas das professoras, além do fracasso do casamento, ainda ficam com a guarda dos filhos, assumindo, assim, uma grande carga psicológica, da qual nem sempre têm condições de dar conta: estar presente, acompanhar as perdas; além das suas, as perdas dos filhos. O trabalho dos professores em geral é mediado pelo afeto. Assim, eles precisam ter um equilíbrio emocional, em relação aos próprios sentimentos para evitar ou administrar a ansiedade e o estresse com os outros, pois os outros inconscientemente abrem as suas feridas. Cada aula é, assim, uma verdadeira batalha interna que o docente trava consigo mesmo. A sensação de estar sendo desnudado constantemente por algum aluno ou colegas faz com que ele se recolha e se feche sobre a própria dor e sofrimento, fazendo-o sofrer mais ainda.

Não há doenças que possam ser atribuídas especificamente aos docentes, mas os problemas que os afastam das salas de aula dão indícios de que estes são os mais recorrentes. Movimentos repetitivos, como apagar o quadro e escrever na lousa com o braço acima do ombro e ficar em pé por um longo período, atitude que pode acarretar doenças vasculares.

O que muitas vezes leva o professor a não tomar medidas preventivas e nem a ter mais cuidados com os sinais que o corpo dá é a dificuldade de esse professor ser prontamente atendido pelo Sistema de Atendimento à Saúde (SAS). Em caso de afastamento das atividades por doença, se é por um período curto, os professores, retornando ao trabalho, devem repor as aulas. Isto inibe muitos professores de tratarem suas doenças de forma preventiva, uma vez que eles, ao invés de cuidarem da sua saúde, ficam preocupados com o trabalho dobrado que terão ao voltar às suas atividades, fazendo com que eles, além da doença, se sintam culpados pelo seu estado “improdutivo”. O psiquiatra e psicanalista francês Dejours constata, em sua pesquisa com trabalhadores, que:

[...] em relação à prática médica ou a respeito da saúde, a reticência maciça em falar da doença e do sofrimento. Quando se está doente, tenta-se esconder o fato não só dos outros, mas também da família e dos vizinhos. E somente depois de voltas que se chega, às vezes, a atingir a vivência da doença, que se confirma como vergonhosa: bastou uma doença ser evocada para que, em seguida, venham numerosas justificativas, como se fosse preciso se desculpar. Não se trata da culpa no sentido próprio que refletiria uma vivência individual, e sim de um sentimento coletivo de vergonha: “não é de propósito que a gente está doente”. (1987: 29)

Comportamento semelhante observa-se em professores que se sentem culpados por estarem doentes. Afirmações nada diferentes das que o psiquiatra descreve tenho observado e escutado entre os docentes: “Toda doença seria, de alguma forma, voluntária: se a gente está doente, é porque é preguiçoso. Quando a gente está doente se sente julgado pelos outros” (1987:29). A cobrança, a chamada para a responsabilidade, a cobrança insistente de atestados médicos quando falta por causa de consultas ou exames, criam um sentimento de culpa⁴ que faz com que o doente se sinta julgado pelos outros. Trata-se de acusação cuja origem não se conhece claramente, acusação pelo grupo no seu conjunto, que se depreende assim, e que cria um sentimento de condenação da doença e indiretamente do doente que é o portador do mal. Uma nuance aparece,

⁴ Este sentimento é o que o professor percebe, pela sutil exclusão de atividades, um clima de mal-estar, insinuações que são feitas no próprio ambiente de trabalho.

às vezes, no julgamento: “[...] não se trata de evitar a doença, o problema é domesticá-la, contê-la, controlá-la, viver com ela” (1987:32).

Os docentes não podem ficar doentes, porque a doença causa muitos transtornos. Isto se agrava quando ele apresenta alto nível de estresse. Observa-se que ele nem sempre é tratado como sujeito, porque nenhuma atividade é desenvolvida para que os profissionais da educação tratem dos seus sonhos e desejos. Cada um tem que cumprir ordens e funções, dar aulas e cuidar do comportamento e das emoções dos outros, dos alunos. Não resultará daí o desânimo, a desmotivação? Cada um tem que calar, guardar os seus sonhos e anseios, pois que, na sua função e nas condições de seu trabalho não há como cuidar de si no sentido fisiológico e psicológico. Desta forma, ele vai se desestruturando, porque, segundo Dejours, é preciso compreender que, atacando o desejo, ameaça-se o regulador natural do equilíbrio psíquico e somático. Os estudos de Dejours mostram que o reconhecimento com relação àquilo que é realizado é fundamental para a motivação do trabalhador. Na medida em que o trabalhador é valorizado, ele é capaz de responder com iniciativa e criatividade. Quando, contudo, essa motivação não acontece, são dadas ao trabalhador as condições para que ele responda com desinteresse e desprezo pelo que realiza e não veja qualquer sentido na sua atividade. Codo, ao falar da satisfação no trabalho, afirma: “Quando trabalhamos em condições gratificantes, gostamos do produto realizado, alguns até se apaixonam por ele. Mas quando trabalhamos subjugados, imprimimos raiva ao produto” (1994:190).

Esta insatisfação ficará impressa na forma agressiva e autoritária do professor em relação aos alunos e pessoas que estão em torno dele.

O nível de agressividade e afrontamento dos alunos em relação aos professores também é grande dentro das salas de aula. O professor tem pouca autoridade dentro da escola, pois é muito pouco respeitado. Os alunos têm a proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que os defende, sem ouvir os professores, além de terem a seu favor um sistema de avaliação que não permite mais reprovação. E, se não há

reprovação, o aluno não se sente estimulado a estudar, pois de todo jeito ele passará de ano e passará pela escola, obterá um diploma que nem sempre garante o conhecimento. A escola tem um discurso de “construção de conhecimento”, no entanto tem uma prática competitiva, que só gira em torno da educação como medida. O que faz os docentes perceber o que expressa uma docente, que assim se referiu ao valor do seu trabalho: “parece que estamos “vendendo” uma mercadoria podre, deteriorada, sem valor para o aluno que não estuda, ou estuda pouco e para o Estado que paga pouco pelo trabalho realizado” pelos docentes.

Mas, nem todo trabalho gera sofrimento e o limite entre o prazer e o sofrimento é o campo que separa a doença da saúde.

Enguita sintetiza as idéias de Hegel a respeito da liberdade e da necessidade do trabalho:

“O homem (a autoconsciência) só se reconhece como ser livre no trabalho (a ação formativa), ao modificar o universo material que o rodeia (o elemento da permanência) tornando efetivos seus próprios desígnios (seu ser para si, a negatividade)... só ao modificar seu contexto pode o ser humano considerar-se livre. Hegel levou este raciocínio ao ponto de sugerir que não pode haver liberdade sem trabalho e que o pior trabalho é uma forma de liberdade”. (1989:11).

Nem todo trabalho é sofrimento, podendo sê-lo quando não entendido como espaço de ser livre criativo através dele, e quando o trabalhador não o entende como através dele expressar a sua vontade. Tanto Hegel como Marx concebem o trabalho como efetivação de uma vontade transformadora da natureza. O aspecto liberdade reside no elemento vontade, a autoconsciência de Hegel e não pode existir sem ela (ENGUITA, 1989:13). O trabalho assim entendido é do domínio do homem, pensando-se o homem também como transformado pelo trabalho.

No trabalho docente muitas vezes só são reconhecidas aquelas doenças que se expressam por sintomas muito evidentes para serem escondidos: nervosismo na escola e em casa, explosão de agressão verbal com alunos ou colegas, perda de voz, cansaço e mal-estar, dores em função de gastrites, emagrecimento ou obesidade evidente.

É preciso estar atento para as conseqüências negativas decorrentes da falta de diálogo entre os docentes da escola. Quando isso acontece, podem ser detectadas situações como degradação do coleguismo, exacerbação dos conflitos entre profissionais e distanciamento ainda maior entre os docentes e a direção. Quero destacar o aparecimento de sofrimento psíquico por conta de uma maior individualização decorrente da desconfiança existente entre os integrantes da equipe de trabalho.

3. Métodos e Materiais

3.1 Caracterização do estudo

A pesquisa realizada, de caráter qualitativo, tem como objetivo central delinear os contornos do mal-estar docente através da escuta dos professores. A opção pela pesquisa qualitativa deve-se a fatores como as características mencionadas por Chizotti (1991): o mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; os resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado; a aceitação de todos os fenômenos como igualmente importantes e preciosos: a constância e a ocasionalidade, a freqüência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significado manifesto e o que permanece oculto.

As informações para a caracterização dos professores foram obtidas por meio de entrevistas, respondidas por 21 professores. Todos estes profissionais compõem o corpo docente de um Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio de um município da região Oeste do Paraná.

3.2 Procedimentos e coleta de dados

Os sujeitos participantes desta pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. A instituição de ensino foi contactada, e

a direção da mesma orientada acerca do objetivo da pesquisa, para assim autorizar a efetivação da investigação no referido local.

Para a obtenção dos dados optamos pela entrevista semi-estruturada por acreditar ser um procedimento mais usual nos trabalhos de campo e como a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994)

O material de análise foi colhido a partir da solicitação feita aos professores nas entrevistas considerando os seguintes aspectos: o que os levou à escolha dessa profissão; formação profissional inicial e continuada; relatos de vivências do dia-a-dia; situações conflituosas ou problemas da prática pedagógica; papel do professor (a); situações vividas de mal-estar.

Para a apresentação dos resultados e das discussões dos mesmos, mantivemos os nomes dos entrevistados na pesquisa em sigilo e apresentamos seus depoimentos na forma de números.

4. Resultados e Discussões

Para focar o primeiro aspecto das entrevistas, que diz respeito à opção pelo magistério assumida pelos professores frente à escola, bem como todo o empenho no atendimento aos alunos e o envolvimento com a atividade, nada melhor que a fala de alguns deles:

“... Em nenhum momento pensei em mudar de profissão, me identifiquei tanto que eu não sei fazer outra coisa a não ser dar aulas.” (Depoimento do professor 1)

“... Meu relacionamento com os meus alunos, eu considero ótimo, salvo raras exceções, eu tenho um relacionamento de amizade, de respeito com os alunos, muitas expressões do tipo: professor eu odeio a sua matéria, mas eu gosto de você, em função da experiência de muitos anos de magistério eu construí com meus alunos uma fraternidade, um respeito, uma amizade, mas nem sempre isto reflete em resultados na questão do aprendizado, acho que isso tem ajudado muito, um diálogo permanente com os alunos, isso ajuda muito, mas não tem sido um fator decisivo, só isso não é o suficiente...” (Depoimento do professor 7)

“... Eu vejo assim, houve grandes transformações políticas, econômicas, tecnológicas e sociais e isso gera grandes preocupações também dentro da educação. [...] a meu ver, isso gera um grande anseio em atender os alunos e isso faz com que a educação fique numa situação ruim, a educação não se torna linear, você tem que parar o conteúdo para atender outras solicitações, outras necessidades. Então, às vezes o professor fica angustiado com essa situação...” (Depoimento do professor 10)

“... Não pensei ainda, mas sei que se eu não estivesse mais em sala de aula, eu optaria por fazer algo relacionado com a escola ou na área da pesquisa, pois não conseguiria deixar de estudar não consigo me imaginar longe deste universo de ensino e pesquisa, é algo assim mais forte do que eu, não sou eu que escolhi, fui escolhida...” (Depoimento do professor 15)

Os dados permitem visualizar e revelam um perfil de professores quanto aos aspectos sócio-profissionais que caracterizam o grupo e ao que podemos perceber o quanto é favorável à realização de um trabalho coletivo, significando que a direção da escola e sua equipe podem contar com a grande maioria desses profissionais. Até porque, segundo a pesquisa, a maioria deles atuam apenas nessa escola, sendo que pertencem ao Quadro Próprio do Magistério (QPM) isso facilita o comprometimento dos mesmos com o Projeto Político Pedagógico da escola. Outro fator predominante é o da formação inicial, todos professores a possuem e o que é melhor, dentro da sua área de atuação.

Quanto à formação inicial as narrativas feitas nas entrevistas, pelos professores, esses evidenciam suas histórias de vida, referenciando o presente de sua vida profissional na educação desde o passado até os dias de hoje.

“... Eu sempre gostei de estudar e sempre admirei muito os meus professores, achava-os inteligentíssimos e sérios. Quando eu terminei o ensino médio eu ainda estava em dúvida quanto a minha profissão, primeiro eu queria fazer medicina, mas as condições financeiras da época fizeram o meu sonho adiar, então me inscrevi para o vestibular no curso de Letras passei e comecei a faculdade. No início do curso não tive certeza se era isso mesmo que eu queria, mas os meses foram passando e aquele lugar no meio dos livros das letras me fascinou eu me apaixonei pelos estudos. Cada ano se tornava mais gostoso e divertido, mas a realidade ficou diferente quando começaram os estágios. A realidade dentro da sala de aula foi bem diferente daquela que víamos na faculdade...” (trecho do depoimento nas entrevistas sobre a formação inicial – professor 12)

“... Eu acho que a faculdade está totalmente fora, que eles ensinam, na minha visão, é impossível passar para o aluno, pois não tem nada a ver, pois a linguagem é muito mais ampla, muito mais abstrata, que eles nunca iriam entender. Então, eu tenho que buscar tudo de novo, conteúdos bem diferentes, conteúdos bem mais gostosos, mais fáceis, mais interessantes, principalmente que tem nexos com o dia-a-dia deles...” (professor 17)

“... Desde minha infância, convivo numa sociedade que ainda carrega traços de machismo, eu recebi uma educação voltada aos afazeres do “lar”. Minha mãe esperava que eu chegasse aos 18 anos casada, é claro que não foi isso que aconteceu, mas não consegui fugir totalmente da minha sina, digamos assim, desenvolvi um interesse muito grande em cuidar da minha casa, mas queria ter minha profissão, por isso optei por alguma que não fosse obrigada a cumprir horários integrais, como professora, que dependendo dos seus horários, sobra tempo para trabalhar em casa também. Depois foi só escolher a área, quando optei por geografia descobri que já havia nascido professora...” (professor 15)

A maioria dos professores não tem dúvida que a formação inicial foi importante. Ela atendeu as expectativas, porém, reconhecem que não estão totalmente preparados para a realidade da sala de aula. O simples fato de freqüentar uma universidade e ter a chance de ler, estudar e debater as teses da pedagogia mundial é uma experiência interessante. A capacitação inicial tem variadas e complexas dimensões e a universidade é o primeiro lugar para um profissional se apropriar das ferramentas para ensinar e com isso poder enfrentar as dificuldades do dia-a-dia da escola como a desmotivação, a indisciplina e as diferentes realidades sociais e culturais dos alunos, mas não é isso que vem ocorrendo na prática.

Muitos professores, segundo as entrevistas, realizaram sua formação inicial concomitantemente à sua atuação como profissional e foram construindo sua identidade profissional de educador adequando os saberes da universidade aos conteúdos e práticas que já dominavam no trabalho que realizavam. Alguns questionam o modelo universitário com que conviveram durante o período de formação. Há uma dificuldade em entender que o Ensino Superior tem a função de preparar o acadêmico para saber construir o seu método de trabalho e não dar os conteúdos prontos para simplesmente repassar para os alunos do ensino fundamental e médio. Esta é uma das críticas que muitos professores fazem, quando em cursos de capacitação querem coisa práticas “prontas” para repassar para os alunos. Há dificuldade de aceitar conhecimentos

teóricos que os capacitem para saber intervir no processo de aprendizagem, solucionar os problemas dos alunos. Não criar novos problemas para os alunos, porque o professor não consegue caminhar com o aluno, não tem um bom método para que a aprendizagem aconteça.

Por tudo isso, Esteve (1999) menciona a formação permanente como uma das estratégias de evitar o mal-estar, sendo que a mesma não deve reduzir-se ao âmbito dos conteúdos acadêmicos, mas, além disso, incluir também os problemas metodológicos, organizacionais, pessoais e sociais, que, continuamente misturam-se às situações no magistério.

“A inovação educativa ocorre sempre com a presença de equipes de trabalho; para modificar a prática do magistério, é muito importante tomar contato com outros professores que já estão inovando e comprovar por si mesmo que a renovação pedagógica existe e que produz material pedagógico e novas relações entre professores e alunos.” (ESTEVE, 1999, p. 142- 143)

Essa afirmação do autor é confirmada nas entrevistas realizada, conforme depoimento abaixo:

“... A gente tem por formação um conteúdo que a gente acha ou tem certeza que o aluno precisa saber, sou da opinião o professor deve ser o detentor do conhecimento e repassá-lo ao aluno, quanto ao que ensinar na minha área não tem mudado muito, o que mudou é o modo de como ensinar...” (professor 20)

“... A capacitação é o que pode ajudar o professor a ser melhor de verdade e a ter práticas de ensino mais eficientes...” (professor 12)

Passamos a conhecer essa realidade: o professor gosta da profissão, mas não está satisfeito com ela. Sabe que é parte de sua função preparar os alunos para um futuro melhor e gosta de vê-los aprendendo, porém se ressentido por ter de providenciar a educação global (valores, hábitos de higiene, etc.) que a família não dá. Questionando os professores a respeito muitos souberam integrar e utilizar com harmonia as vantagens dessa educação global, enquanto outros se obstinam em manter seu papel tradicional, ignorando a enorme força e o interessante potencial educativo que os novos canais de informação podem colocar a seu serviço. A luta é desigual. Quem pretende manter a exclusividade só tem a perder.

“... Hoje até te digo que, largaria a profissão, recentemente tive crises e vontade de largar tudo. Não por falta de amor, adoro o que eu faço amo de coração minha profissão, não fui médica, mas

ajudo os outros a serem médicos, não por deixar de amar minha profissão, mas sim pelo sistema que está sendo imposto... () “ ... Eu vejo o papel do professor muito amplo, eu acho que só o conhecimento científico não é o suficiente, eu procuro transmitir aos meus alunos, além do conhecimento científico, a moral, a ética, cidadania acho muito importante...” (professor 2)

“... Cabe a nós professores no ato de ensinar, usar a intencionalidade pedagógica a fim de comprometer a aprendizagem do aluno, e o aprendizado se dá quando nós concebemos o aprendizado como construção. Nós professores temos hoje esse novo perfil, nos inserindo ao maravilhoso mundo da informática, mas o professor ainda é o melhor instrumento de ensino e eu acredito primeiro nele.” (professor 12)

Segundo os resultados da pesquisa os professores mostram-se satisfeitos com seu trabalho apesar das dificuldades que enfrentam, têm na vocação, no amor à profissão sua principal motivação, trabalham no que gostam, tem consciência da importância da profissão docente. Ao mesmo tempo, muitos se queixam do trabalho duro e que não é reconhecido pela sociedade:

“... Educar não é fazer “bico”. Teve épocas em que o professor trabalhava numa empresa e que fazia da educação um segundo emprego, mas não é mais assim, é um trabalho árduo que requer boa preparação por parte do professor e, além disso, nós estamos trabalhando com a formação de uma pessoa, pelo menos é isso que nós estamos tentando fazer...” (professor 10)

“... Eu penso que antigamente havia um respeito maior pelo professor, eram respeitados pelo simples fato de serem professores. Hoje existe uma perda geral de valores, em toda sociedade, e por sua relação direta o professor acabou sendo humanizado demais, próximo demais a todos. Hoje o professor precisa fazer se respeitar, às vezes a duras penas, principalmente essas duras penas para si, o próprio estresse que isso gera por não ser valorizado simplesmente pelo que é...” (professor 15)

“... Antigamente o professor era considerado um líder, não só na escola como na sociedade, na comunidade em que ele vivia, ele era respeitado pelo conhecimento, ele era o repassador do conhecimento aos alunos que era valorizado por sua capacidade. Atualmente a profissão do professor está bastante desacreditada, por causa do desrespeito, da desvalorização, do desinteresse dos alunos e dos próprios pais...” (professor 20)

As fontes literárias e da própria pesquisa, concordam em assinalar, que, nos últimos anos, têm aumentado as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os professores, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social. Essa acelerada mudança acumulou as contradições do sistema de ensino. O professor, no

sistema atual, queixa-se de mal-estar, cansaço, angústia, desconcerto, com isso tem experimentado uma crise de identidade.

“O mal-estar docente é uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como no das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui.” (ESTEVE, 1999, p.144)

Para Nosella (1996), a maior parte das vezes a escola foi encarada como prolongamento dos cuidados familiares. Segundo o mesmo autor, houve durante as últimas décadas uma democratização escolar, todavia teve lugar uma deformação do método, com queda, assim da qualidade. Fica assim delineada a situação descrita, no depoimento de um dos professores entrevistados:

“... Hoje está assim: finge-se que se ensina e o aluno finge que aprende, eu acho isso no mínimo angustiante...” (professor 21)

Codo (1999) observa que o processo de desgaste e a conseqüente dificuldade em relacionar-se afetivamente com o usuário transformam o perfil eufórico, característico do início da carreira docente, em depressivo. Este processo de desgaste pode levar à completa exaustão da energia física e/ou mental, fazendo com que o profissional abandone seu trabalho, não por não mais desejá-lo, mas por sentir-se incapaz de realizá-lo, por perder a identificação que mantinha com a atividade.

“... Deixaram tudo para nós, olhar cadernos, resolver seus problemas, verificar se estão doentes, discipliná-los, pôr limites, dar amor e carinho de professor e de família... isso é complicado.” (professor 19)

“... Eu tenho tentado envolver da maneira mais forte possível a família nesse processo, eu vejo os pais, muito ausentes no processo educacional e acho que os pais precisam ser provocados um pouco e responsabilizados pela sua parte no processo educacional.” (professor 7)

“Pais que transmitem bons valores aos seus filhos são os mais envolvidos na escola, mas em contrapartida, pais que educam como se estivessem num carro desgovernado, tampouco tem interesse nos assuntos relacionados com a própria instituição.” (professor 15)

“Coitados dos pais, eu penso que eles também estão perdidos, por que os filhos estão cada vez mais difíceis de serem educados, eu penso que quando a gente os ouve, eles também dizem que não

sabem mais o que fazer, a situação deles é difícil. Apenas acho que tem que se fazer alguma coisa, porque se os filhos não estão obedecendo, tem a questão dos valores e, está faltando limites, isso tudo reflete na escola.” (professor 16)

A participação da família é fundamental para que a criança se desenvolva como estudante. Por isso ela deve ser motivo de preocupação: não dá para correr atrás de resultados de ensino sem pensar em reeducar os pais, que em sua grande maioria não conhecem a proposta pedagógica da escola, o que ela oferece e como os filhos aprendem. Uma saída é conscientizar-se que o novo papel do professor inclui atender o aluno que não vem pronto de casa para adquirir conhecimento.

Os alunos são vistos como desinteressados e indisciplinados e são percebidos, junto com a família, como os principais problemas da sala de aula. O desinteresse do aluno, nem sempre pode ser visto, como desinteresse pela escola e pelo processo de aprendizagem. O aluno de hoje quer aprender, mas não o que os professores querem ensinar e do jeito que estes querem ensinar. Muitos professores já viveram tempos de respeito, autoridade na escola, mas que hoje mudou, embora muitos lutem intensamente para recriar e voltar a estes tempos. A intencionalidade das crianças e adolescentes referente à educação difere da intencionalidade de ensino dos professores e do sistema educacional.

Percebe-se um jogo de empurra-empurra nesse discurso, isto é desgastante e só provoca reações afetivas de ataque e defesa. Não se trata de achar “os culpados”, na verdade, são justificativas para o que está posto. A contradição perpassa a todos: alunos, pais, professores e equipe pedagógico-administrativa.

Ao responsabilizar os alunos e as famílias pelo fracasso escolar, o educador deixa de analisar o papel da escola e as possibilidades que ele tem de agir como o agente público que de fato é como membro de uma instituição igualmente pública - a escola - que precisa se relacionar com o sistema para funcionar com eficiência. O professor entra neste compasso e cada vez mais se sente à parte, isolado.

A educação é um processo coletivo, que se dá em determinado espaço, uma instituição chamada escola. O que devemos vislumbrar é o

compromisso de cada setor que lhe cabe no processo de transformação, dentro de uma visão de totalidade, articulado com os demais, cobrando inclusive, que cada parte assuma suas respectivas responsabilidades.

Nas questões referentes ao salário, não é considerado, pelos professores, o maior dos problemas e sim as condições de trabalho.

“Quanto à questão salarial nós já tivemos momentos melhores, nós não podemos nos queixar se fizemos uma comparação dentro do contexto não é o salário que vai me fazer dar aulas melhores ou piores.” (professor 20)

“O salário, comparado a qualquer outra profissão que necessite do tempo de preparação que a gente teve e investiu, fazer faculdade, eu acho assim o nosso salário não é nada animador, ele não é estimulante, para um professor atingir o salário que tenho hoje, em final de carreira de nível II, veja foram quantos anos para chegar aí, então quem não tem muito fôlego...” (professor 21)

“Eu não vejo a questão salarial que seja das piores... mas o que está ocorrendo é excesso de trabalho que é exigido do professor. Não é possível fazer um trabalho diferente em sala, temos muitas fichas, relatórios, muitas exigências burocráticas, que vai nos cansando e não estamos dando conta do principal, que é o aluno.” (professor 19)

Condições de trabalho, considera-se como infra estrutura, é um conjunto de condições que dão suporte para que o trabalho docente se desenvolva. Elas se constituem das “ferramentas” que são utilizadas pelos professores e alunos para executar suas atividades e dos aspectos relativos ao ambiente de trabalho. As ferramentas dos professores incluem: sua formação, sua saúde, materiais básicos de ensino e recursos pedagógicos, e um ambiente físico que favoreça o bem estar docente, do aluno e a sua aprendizagem. Os aspectos relativos ao ambiente de trabalho incluem o estado de conservação da escola, os níveis adequados de ruídos e de iluminação, a qualidade do ar e instalações que tragam conforto ao professor e aos alunos.

Definitivamente, os professores, pelo conjunto de fatores sociais e psicológicos que se expressaram nas entrevistas respondidas, sofrem as conseqüências de estarem expostos a um aumento da tensão no exercício de seu trabalho, cujas dificuldades aumentaram pela fragmentação da atividade do professor e o aumento de responsabilidades que lhes são

exigidas, sem que lhes tenha dado as condições necessárias para responder adequadamente.

Diante do avanço do mal-estar, os professores buscam diversos mecanismos de defesa, conforme depoimentos dos mesmos nas entrevistas, mas que servem apenas para aliviar as tensões e não resolvê-las.

“Desânimo. Chega segunda-feira e eu digo: vai começar tudo de novo, eu estou desanimado. O físico não é tanto, a gente supera agora este mal-estar não tem como a gente explicar, vai chegar o momento que ele vai se tornar uma depressão, ele vai bater em algum lugar.” (professor 5)

“Professor não pode ficar doente e inclusive leva seis meses para marcar uma consulta daí o problema, já se for atendido de imediato só se está com um infarto, emergência, é muito demorado, eu acho que tem que ter uma preocupação com a saúde mental, eu acho que deveria ter apoio, um grupo de ajuda, de ioga, alguém que orienta uma vez por semana, um grupo de terapia” (professor 5)

“Talvez eu tenha trabalhado um pouco o meu psicológico, emocional para nem sempre demonstrar o estado de espírito. (...) talvez a própria formação religiosa tenha contribuído bastante, tenho procurado na medida do possível nunca demonstrar para o aluno o meu estado de mal-estar... () sinto às vezes cansaço mental, estresse, mas eu tenho feito um trabalho mental de auto-motivação eu sempre procuro colocar hoje na minha frente o lado positivo do trabalho...” (professor 7)

“Entre os professores, apesar de que eu acho que nós nos relacionamos bem, mas às vezes tem um clima pesado na escola e isso gera mal-estar.” (professor 16)

“[...] eu precisei, estou precisando do SAS, estou fazendo tratamento particular, porque não consigo marcar consulta só para abril do ano que vem ou maio de 2008.” (professor 19)

Portanto, para enfrentar de forma efetiva o mal-estar docente, deve-se atuar prioritariamente sobre suas condições de trabalho e sobre o apoio que o professor deve receber para realizá-lo.

Os professores, esses profissionais, são servidores públicos e, portanto, não cabe a eles formular políticas públicas. Mas são responsáveis pelo seu trabalho, pois ele é o coordenador do processo ensino-aprendizagem, deve assumir seu papel de agente histórico de transformação da realidade escolar, articulado à realidade social mais ampla.

Na abordagem que estamos fazendo do professor frente aos problemas enfrentados por ele, não queremos cair na armadilha de considerá-lo como vítima (como se estivesse impossibilitado de fazer algo em função das determinações estruturais) ou vilão (como se fosse o único responsável pelo fracasso escolar). Entendemos que o professor está passando por contradições. A grande questão que se coloca é como ele vai dar conta dessa contradição e em que direção vai procurar a superação.

A literatura empírica aponta que a mitificação do professor impede, muitas vezes, que o vejamos como ele é: um profissional, adulto, consciente de suas decisões e potencialidades, inserido numa categoria profissional que, como todas as outras, abriga muita gente competente, mas também muita gente incompetente, sem compromisso com as transformações necessárias na educação.

5. Considerações Finais

A guisa de conclusão, constatamos que o mal-estar docente, cuja realidade é atestada pela literatura especializada sobre o assunto, também está presente entre os docentes pesquisados. Entretanto, não ele é uma questão apenas do presente, pois ele já vem de forma contextualizada na história da educação e dos profissionais que nela trabalham.

Embora os escritos até aqui tenham tido um tom pesado, expressando dores e sofrimento dos professores, não é só isso que se vive dentro de uma escola.

Não há dúvida de que a atividade realizada pelos professores nas escolas é uma ocupação, um trabalho, contudo, a análise da profissão docente facilita uma reflexão crítica sobre as tensões e contradições que ocorrem na atividade dos professores.

Ser professor, face a tantas exigências políticas, sociais e profissionais que são impostas no exercício da profissão, requer uma diversidade de saberes que vão muito além de uma formação acadêmica.

O exercício da docência, no panorama educacional da atualidade, requer uma gama de qualidades pessoais e interpessoais que possam contribuir para uma prática de ensino personalizada, motivadora e sucessora, que só a formação continuada pode compor e, contudo, ainda não é efetiva, em grande parte das instituições educativas.

O enfrentamento de novas funções e inúmeras responsabilidades, representando uma sobrecarga de trabalho, provoca o esgotamento e, conseqüentemente, a desmotivação. Por isso, torna-se compreensível que muitos docentes se sintam desmotivados e pouco comprometidos com o seu fazer pedagógico. A partir dessa pesquisa, pode-se perceber a necessidade e a importância da realização de um trabalho voltado aos aspectos relacionados à subjetividade docente/discente.

Nesse sentido, ainda percebe-se que o campo de investigação precisa ser ampliado, com vistas a proporcionar formação continuada docente, para conscientizá-los da relevância da motivação e bem-estar.

O bem-estar do profissional é, no entanto, a criação de um ambiente destinado à troca de experiências entre os docentes. Quando há troca de informações, e a solidariedade ocorre, é possível alcançar retornos positivos, como a diminuição dos riscos de novas doenças. A qualidade do ensino é significativamente afetada pelas condições de trabalho e saúde dos docentes.

Em suma, considerar a docência como um trabalho que reconhece elementos comuns com outros processos de trabalho não implica reduzir seu caráter de profissão especializada dentro da sociedade, mas sim colocar em relevo os seus múltiplos aspectos não avaliados. Assim, proporciona uma matriz de análise das condições de trabalho e do impacto destas no bem-estar e na qualidade de vida dos docentes, que supera a prevenção do risco material visível e que pode abrir vias eficazes de prevenção e promoção da saúde no professorado.

As pesquisas que se aprofundam nos fatores protetores da saúde dos docentes e em estratégias preventivas eficazes mostram uma linha de desenvolvimento futuro cujo resultado seria de grande benefício na

melhoria dos produtos que o trabalho docente entrega à sociedade, sem colocar em risco a sua saúde.

6. Referências Bibliográficas

ARROYO, M. G. **Imagens Quebradas – Trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CHIZOTTI A. (1991). **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Editora Cortez. 2003

CODO, Wanderley. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes. 1999.

CODO, Wanderley. SAMPAIO, José J C. HITOMI, AllbertoH. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEJOURS, Christophe. **Loucura do trabalho**. São Paulo: Oboré, 1987

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

ENQUITA, M. F. **A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização**. Revista Teoria & Educação, [s.l.], n. 4, 1991.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: EDUSC. 1999.

ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (org). **Profissão Professor**. Porto: Porto ed., 1995, p.93-124.

KUENZER, A.Z. As políticas de formação: a construção de identidade do professor sobrance. **Educação e Sociedade**. Campinas, ano XX, n.68, dez 1999. p.163-183.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1996.

NOSELLA, P. **A escola brasileira no final do século: Um balanço.** In: Frigotto, G. (org). **Educação e crise do trabalho: perspectiva de final de século.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 167 - 187.